



Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários (ISSN 1984-0705)
Patos de Minas: UNIPAM (2): 1-8, nov. 2009

A morte do caixeiro-viajante: o teatro americano de Arthur Miller

Aline Cristine Vieira Lima
Lays Borges Silva
Maria Rita de Sousa Silva
UNIPAM. Graduandas em Letras, 2007

Orientação: Prof. Dr. Luis André Nepomuceno (UNIPAM)

Resumo: A peça teatral de Arthur Miller, *A morte do caixeiro-viajante*, que estreou em Nova York e em Londres em 1949, consiste no retrato da família de Willy Loman, um caixeiro viajante. Willy é um personagem deprimente, mas que na verdade sintetiza o espírito dos derrotistas americanos, aqueles que não viveram o esplendor do capitalismo americano e que não conseguiram fazer dinheiro. Sua família tenta lutar contra a situação deplorável na qual ele se encontrava. Willy passa a viver de suas memórias, fatos passados e alimentando esperanças infundadas..

Palavras-Chave: 1. Arthur Miller. 2. teatro americano. 3. sociedade e capitalismo

“O maior problema do dramaturgo é encontrar a forma adequada para mostrar o que se passou.”
Arthur Miller

1. Considerações iniciais

Arthur Miller nasceu em 17 de outubro de 1915, filho de um casal de imigrantes judeus polacos. O autor era considerado um dos principais nomes do teatro norte-americano contemporâneo, um dramaturgo, que em suas obras faz críticas contundentes à sociedade de seu país, e conhecido como “o autor que escreve com os ouvidos”.

Em 1949, Arthur Miller escreve uma das melhores e mais importantes peças contemporâneas americanas, *A morte do caixeiro-viajante*. A peça permaneceu por alguns meses em cartaz, e recebeu os maiores prêmios do teatro americano, dentre eles, o do Círculo dos Críticos, o Antoniette Perry e o cobiçado Pulitzer.

Havia motivos para tanta apreensão. O espetáculo teria que agradar a toda poderosa crítica nova-iorquina ou estaria condenado, em poucos dias, a uma retirada vergonhosa. Passeando os olhos nela, o dramaturgo pensava na importância que teria para aquela multidão, vivendo no clima de prosperidade do após-guerra, a vida e a morte de um homem tão simples e insignificante como um caixeiro viajante (MILLER, 1976, p. v).

A peça foi a primeira a ser incluída na relação dos livros editados pelo popular Clube do Livro. As obras de Arthur Miller eram centradas nos aspectos sociais aliados a uma constante preocupação com a dimensão humana dos personagens. Ele contava as histórias de maneira que muitos homens poderiam se identificar com tais personagens. Dentre os recursos que Arthur Miller utiliza, há uma linguagem que tem um papel preponderante, com *flashbacks*, o que permitiu a atualização do passado do protagonista. O texto é repleto de diálogos vigorosos e expressões correntes de uma poesia áspera e viva.

2. A literatura norte-americana e as produções teatrais no século 20

Grande parte dos dramaturgos tinha simpatia pela esquerda. Estes são considerados de pouco ou nenhum interesse para a Broadway. O teatro norte-americano da Broadway tinha certo desinteresse pela história de um produto cultural, que era extremamente relevante na experiência moderna e contemporânea.

Tudo se inicia na segunda década deste século 20, a partir de iniciativas como as do Provincetown Players, em 1916. Este grupo acabou constituindo o conhecido “Littel Theatres” que reagia contra o comercialismo que caracterizava o teatro ali produzido, criando-se assim um teatro moderno, o próprio teatro engajado norte-americano.

O teatro, desde os seus primórdios, foi sempre um empreendimento comercial nos Estados Unidos. O *boom* do teatro comercial norte-americano, ou seja, a própria constituição da Broadway ocorreu nos anos de 1900 a 1928, com multiplicação rápida das casas de espetáculo, só que a quebra da bolsa de Wall Street e a depressão marcam o fim da expansão, e a Broadway não seria mais a mesma.

A partir da terceira geração Pós-Guerra civil, a classe dominante começa a valorizar a cultura. Assim os jovens começam a frequentar em maior número universidades européias na França e Alemanha e voltam ao país empregado da cultura moderna, de que seus pais não tinham a menor idéia (COSTA, p. 26).

Era plano ainda montar peças de dramaturgos locais de acordo com as identificações dos novos rumos do teatro europeu. De acordo com Wood Krutch, “a tragédia não é mais possível porque o homem moderno não acredita mais que suas ações sejam significativas” (COSTA, p. 31).

Outra discussão a respeito do papel dos Estados Unidos foi sobre a atuação do diretor e do cenógrafo do teatro, ou seja, se eles devem ou não respeitar o texto do diretor, pois

este defende o respeito ao texto em sua integridade, em *A morte do Caixeiro Viajante*, de Arthur Miller. Na peça o dramaturgo faz com que venhamos a perceber a crítica aos valores do *American way of life* e a abordagem analítica do passado e, assim sendo, ele utiliza tais recursos para mostrar a negação como um recurso necessário para entender os personagens no seu sentido psicanalítico.

Em síntese, a peça teatral *A morte do caixeiro-viajante* retrata o drama da família Loman, da qual Willy Loman, o caixeiro viajante, é o patriarca. Este viveu durante trinta e quatro anos em viagens sucessivas, acreditando que ele e toda a família atingiriam o poder e seriam ricos e felizes; porém o país sofreu grandes transformações sociais, o comércio tornou-se tão impessoal, que desapareceram os antigos vínculos de compradores e vendedores para Willy. Mas ele não desistia e continuava suas viagens como caixeiro viajante, lutando dia após dia, embora sem retorno financeiro.

Willy chegou a ponto de perder seu emprego, não tendo nenhuma renda para pagar suas contas. Sua esposa, Linda, que sempre se manteve a seu lado em todos os momentos, pede ajuda a seus filhos Biff e Happy, pois Willy começa a perder o senso da realidade. Mãe e filhos lutam contra a autodestruição e os fantasmas do passado do caixeiro viajante, que a cada viagem que realizava tentava o suicídio. Fato que se consumou ao final da obra.

2.1. Personagens

Willy Loman

Willy Loman é um caixeiro-viajante, pai de família, que pensa possuir a receita do sucesso, o poder de influenciar pessoas, fazer amigos com a possibilidade de realizar o mesmo trajeto percorrido por várias pessoas que começaram do nada e conseguiram riquezas por seu esforço pessoal, alcançando assim grandes escalões nos negócios e na política.

Loman se espelha no velho Dave, e é como ele que decide se tornar um caixeiro-viajante. O país sofre transformações sociais e econômicas, e Willy se torna uma das vítimas inconscientes e passivas. O sistema econômico e comercial torna-se impessoal, fazendo com que antigos compradores e vendedores desapareçam. Para ele o que tem a oferecer é apenas a sua força de trabalho para vender no mercado. O comportamento de Willy revela que o sonho americano de sucesso se transformou em um grande pesadelo.

Willy passa a vender cada vez menos, o que acaba com suas comissões e com seu salário. A cada viagem que realiza, defronta-se com o fracasso. O personagem se encontra à beira da loucura. Passado e presente se misturam em *flashbacks* que confundem a mente deste personagem. Em suas memórias ele revive momentos em que era um homem vitorioso, bem-humorado e sucedido, tinha um carro formidável que usava para percorrer os estados e conquistar clientes e mercado.

Linda, a esposa

Uma mulher bonita, simpática. Sempre solícita, permaneceu a mesma após anos. Foi apenas mais uma vítima do fracasso, absorvendo todos os choques da família Loman. Suas últimas palavras na peça merecem ser destacadas:

Eu procuro e não consigo encontrar, Willy. Hoje eu fiz o último pagamento da casa. Hoje, querido. E não há ninguém nela. Não estamos devendo nada a ninguém. Estamos livres de obrigações. Estamos livres... Estamos livres... livres... (MILLER, 1976, p. 204).

Sempre preocupada com as contas a pagar, desta vez no túmulo do falecido esposo Willy, ela conversa com ele (como se ele pudesse ouvi-la), relatando que já não há mais dívidas a pagar.

Biff e Happy, os filhos

Biff era o campeão do time de futebol do colégio, o simpático ídolo do colégio. Abandona o curso após uma reprovação em matemática, quando vai à procura do pai em um hotel em Boston e o encontra com uma prostituta. Biff foi lhe pedir para falar com o professor; quando presenciou tal imagem os conceitos que tinha de seu pai se modificaram. O descuido e a infidelidade de seu pai ficariam entre eles para sempre a partir deste momento.

Ele acaba por atribuir assim os desencontros e insatisfações da sua vida a seu pai. Um jovem marginal, andarilho e cleptomaniaco que retorna ao lar, sempre quando se é primavera e sente saudades: “Biff: Você sabe por que eu não tive endereço durante três meses? Eu roubei um terno em Kansas City e estava na cadeia” (MILLER, 1976, p. 190).

Happy, o outro filho, também não conseguiu seguir os moldes e sonhos de seu pai. Trata-se de um funcionário medíocre e frustrado que vive em função das mulheres e do álcool.

Charley e seu filho Bernard

Charley, vizinho de Willy, é um empresário bem sucedido que sempre empresta dinheiro a Willy para pagar suas apólices. Aliás, é sempre ele quem o ajuda com recursos financeiros, pois Willy, a cada dia que passa, não recebe nenhum valor em seu serviço. Bernard, filho de Charley, era da classe de Biff. Era meio apagado, mas foi ele quem sempre passou as respostas das provas a Biff. Bernard se torna um grande advogado, para a surpresa de Willy Loman.

Tio Ben

Irmão de Willy Loman, deixou-se contaminar pela febre do ouro que atraiu milhares de pessoas para o Alasca. O personagem sempre aparece durante os delírios de Willy.

Howard Wagner

Na peça, o personagem aparece em seu escritório testando uma vitrola. É o patrão de Willy, procurado pelo caixeiro-viajante, na esperança de não ter de viajar mais, após trinta e quatro anos de dedicação à empresa. Willy o procura na busca de uma estabilidade financeira, relatando a ele que não gostaria de viajar mais e que precisaria de apenas cinquenta dólares por semana. Pergunta ainda ao patrão se este poderia lhe conseguir um lugar em Nova York. Howard simplesmente ignora os anos de serviço à empresa e o demite, dizendo a ele que seus filhos o ajudariam nos custos familiares: “Howard: Onde é que estão seus filhos: por que é que seus filhos não o ajudam?” (MILLER, 1976, p. 117).

2.2. Aspectos expressionistas no teatro de Miller

No teatro do séc. 20, tem-se de um lado a vertente realista e de outro a vertente experimentalista. Mas é a partir da segunda metade do referido século, que o teatro experimental rompe com as barreiras, indo até o público com o qual promove uma interação. Com inovações na linguagem, cenários, figurinos e na montagem, percebe-se a influência expressionista em estratégias que revelam as percepções psicológicas dos personagens.

No caso do teatro americano, há um constante jogo expressionista em que se percebem os efeitos da luz e projeções de imagens. Nas várias cenas que a peça trabalha, destacam-se os efeitos expressionistas, em que o inconsciente e a memória do personagem, Willy Loman, são levados a recordações de fatos passados.

Willy: Eu estava pensando no Chevrolet... (Pequena pausa). Mil novecentos e vinte e oito... quando eu tinha aquele Chevrolezinho vermelho (Pára). Não é engraçado? Eu podia jurar que hoje eu estava guiando o Chevrolet (MILLER, 1976, p. 20).

O personagem é levado a recordações e ao seu inconsciente diante de uma situação dramática:

... O que de fato aconteceu em 1949 com *Death of Salesman*, para profundo mal-estar da crítica, pois esta encenação de tipo expressionista da vida interior de Willy Loman é uma das maiores obras-primas da dramaturgia americana (COSTA, p. 148).

A peça de Arthur Miller discute a temática do sonho americano e a ideia da inserção do indivíduo no novo cenário de produção capitalista moderno.

Uma tragédia moderna que guarda características da tragédia clássica irá retratar o cotidiano de uma família de classe média, a qual está massacrada por seus sonhos e ideais capitalistas vivenciados pelos personagens de Willy Loman, esposa e filhos.

O personagem Willy Loman, um homem completamente decadente, devido ao forte poder econômico do estado, e à beira do suicídio, vive em uma situação deplorável, já que a força de trabalho que tem a vender no mercado provoca a sua decadência moral e financeira. A peça mostra assim toda a fragilidade do indivíduo americano diante da potência americana. Willy Loman tenta se apegar a esperanças, para se reerguer economicamente, a voltar a ser como era antes. Sonha com seus filhos Biff e Happy montando uma loja de artigos esportivos. No passado seus filhos eram excelentes jogadores. Na expectativa de Biff se reerguer economicamente, Willy pede que seu filho procure Oliver, para com que este lhe ajude a reerguer-se.

Willy: Prevejo um futuro brilhante para vocês, meninos. Acho que os problemas terminaram. Mas lembrem-se: se alguém começa grande, acaba grande. Peça quinze mil. Quanto é que você vai pedir? (MILLER, 1976, p. 89)

O expressionismo tem uma participação marcante na peça *A Morte do caixeiro-viajante*. Existem inúmeros momentos em que o plano da realidade é desconstruído em função da memória, como aqueles em que recorda a infância com os filhos e as aparições em que vê Ben. Quando revê Ben, Willy pensa nas oportunidades que teve de ir ao Alaska para se enriquecer com o ouro encontrado: “Ben: As oportunidades são imensas no Alaska, Willy. Não entendo como você não estava lá” (MILLER, 1976, p. 59).

Há momentos em que o personagem revive fatos ocorridos com seus filhos, Biff e Happy, momentos felizes em que retoma o sentido de sua vida.

Willy: Que é que se diz de você no colégio, agora que você é o capitão do time?

Happy: Há sempre um montão de garotas atrás dele.

Biff (*pegando na mão do pai*): Este sábado, papai, vou fazer um lindo gol em sua homenagem (MILLER, 1976, p. 39).

Willy Loman sonhava com mudanças em sua vida econômica, tinha uma obsessão pelo sucesso e pelo prestígio social. Estava sempre submetido às forças sociais, sentindo-se oprimido pelo modelo econômico imposto, que funcionava como uma forma de opressão. O personagem acreditava que, com seu esforço pessoal, pudesse alcançar os grandes escalões dos negócios e da política.

Esta opressão capitalista e a fragilidade econômica, à qual Willy Loman era submetido perante a sociedade, levaram-no a uma situação deplorável culminado assim em sua morte trágica.

... A grande novidade, o achado mesmo de Arthur Miller foi usar toda a artilharia do teatro épico para destruir o maior mito americano do pós-guerra, que é o da pseudo-

ascensão social, o da vida de pseudo-homem de negócios, que acredita só depender do próprio esforço para se ter sucesso (COSTA, p. 148).

2.3. A tragédia

A tragédia moderna, assim como a clássica, irá lidar com a figura do herói trágico, que é ligado às forças do destino. Com o início da modernidade este herói não deixará de existir, influenciando e modificando as vidas dos personagens nesta peça. Para Aristóteles, a ação trágica é um gesto humano do desenrolar dos episódios das peripécias de um herói, e a tragédia é uma imitação de caráter elevado, com uma linguagem ornamentada, suscitando o tempo e a piedade. Para ele o fim da tragédia é a purificação, com emoções fortes, o que provoca no espectador sentimentos de terror e piedade. Mas todo herói trágico deve ter um erro, que irá desencadear toda ação trágica.

O herói está suscetível aos erros, às falhas, pois se não houver erro não haverá uma ação trágica. O erro é percebido pelo herói durante a ação trágica na qual o inevitável ocorre. O fim da tragédia é uma purificação por meio da morte, que era também um meio de punição. O desfecho trágico purifica assim o erro, provocando no espectador o sentimento de terror, piedade e perplexidade. O herói, na peça em estudo, seria Willy Loman. O personagem, após várias tentativas de suicídio que acabam levando à morte, purifica-se com o desfecho trágico. Diante desse sofrimento, Raymond Williams afirma que “a verdadeira chave para a moderna separação entre tragédia e ‘mero sofrimento’ é o ato de separar o controle ético e, mais criticamente, a ação humana, da nossa compreensão da vida política e social” (WILLIAMS, 2002, p. 73).

2.4. O personagem Willy Loman sob o ponto de vista psicológico

Os delírios constantes do personagem e sua obsessão insistente em se dar bem na vida social e econômica trazem ao personagem uma incapacidade de viver diante da realidade que lhe é imposta. Sua idade e as mudanças no sistema capitalista vigente fazem com que Willy Loman não mais venda, como fazia tempos antes. O personagem se encontra em uma deplorável situação financeira.

“Tragédias importantes, ao que tudo indica, não ocorrem nem em períodos de real estabilidade, nem em períodos de conflito aberto e decisivo. O seu cenário histórico mais usual é o período que precede à substancial derrocada e transformação de uma importante cultura. A sua condição é a verdadeira tensão entre o velho e o novo: entre crenças herdadas e incorporadas em instituições e reações, e contradições e possibilidades vivenciadas de forma nova e viva” (WILLIAMS, 2002, p. 79).

A esperança que Willy ainda mantém seria a de que, apesar da vida que já viveu, tudo retorne e volte a ser como era antes, a de que seus sentidos sejam reafirmados e restabelecidos. Depois de tanto sofrimento, a morte constitui-se como que o desfecho de

uma ação trágica, o próprio sentimento catártico: “O herói é sem dúvida destruído em quase todas as tragédias, mas esse não é, normalmente, o fim da ação. Uma nova distribuição de forças, físicas ou espirituais, comumente sucede à morte” (WILLIAMS, 2002, p. 80).

2.5. Considerações Finais

A peça *A morte do Caixeiro-viajante* (*Death of Salesman*) discute a temática do sonho americano que exige a inserção do indivíduo num código e num sistema de valores financeiros, em que a pressão psicológica é pela produção econômica. Arthur Miller escolhe a família de Willy Loman para representar o estado forte e o indivíduo totalmente fragilizado. Com um novo modelo econômico imposto e vigente, a opressão capitalista oprime a sociedade que é levada a adequar-se à obrigatoriedade do destino representado.

A falta de estrutura familiar representa o drama vivido pelo homem burguês. O comportamento de Willy demonstrou o grande pesadelo vivido pelo sonho americano. Seus conflitos psicológicos baseavam-se em seus delírios, em *flashbacks*, retomados por Willy em sua vida passada. Completamente transtornado por não conseguir vender como antes e ganhar suas comissões, o personagem mistura a realidade em planos de imaginação para tentar suportar a situação vivida.

O que mais deprime o personagem é ver que seus filhos, Biff e Happy, não possuem um futuro promissor como ele havia planejado. Com sentimento de culpa, pelo destino de seus filhos e pela situação econômica em que vive, Willy sempre tenta o suicídio como meio de sua “purificação”.

Referências

- COSTA, Iná Camargo. *Panorama do Rio Vermelho*. Nankin Editorial. São Paulo: 2001
- CUNLIFFE, Marcus. *História da Literatura dos Estados Unidos*. Trad. Bernadette Pinto Leite. Lisboa: Europa-América, 1986.
- MILLER, Arthur. *A morte do caixeiro-viajante*. Trad. Flávio Rangel. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. Trad. Betina Bischof. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- MILLER, Arthur. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_Miller. Acesso em 19/10/2007.